

# Leitura: Um compromisso de todas as áreas

Um **GUIA** para coordenadores  
pedagógicos do Ensino  
Fundamental - anos finais

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA MODERNA



# Leitura: Um compromisso de todas as áreas

Por Ana Carolina Carvalho

*Psicóloga pela USP e mestre em Educação pela Unicamp, com pesquisa na área de formação de leitores. É formadora de professores, coordenadores pedagógicos e equipes técnicas de secretarias de educação pelo Instituto Avisa Lá.*

## Sumário

|                                                                               |    |
|-------------------------------------------------------------------------------|----|
| Introdução.....                                                               | 5  |
| A formação de leitores na escola:                                             |    |
| especificidades dos Anos Finais do Ensino Fundamental.....                    | 10 |
| A presença dos livros.....                                                    | 10 |
| A escolha do acervo.....                                                      | 11 |
| Ouvir as vozes dos alunos.....                                                | 13 |
| O tempo e as ações para a experiência da leitura.....                         | 15 |
| Conversar depois de ler: ação fundamental entre leitores.....                 | 18 |
| Ações para a escola: o que significa ser uma comunidade<br>de leitores? ..... | 20 |
| A parceria com o diretor:                                                     |    |
| o que garantir em uma gestão com foco na leitura? .....                       | 32 |
| Referências bibliográficas.....                                               | 34 |





# Introdução

## **Caro(a) coordenador(a) pedagógico(a),**

O material que você tem em mãos pretende refletir sobre a centralidade da leitura ao longo de toda a escolaridade, discutir sobre as condições necessárias para uma formação efetiva de leitores e apresentar algumas propostas de articulação entre as disciplinas, tendo como eixo a leitura de textos de ficção.

Atualmente, formamos leitores de diferentes gêneros textuais, que reconhecem suas principais características e que dominam seus diferentes usos ou práticas sociais de linguagem, tanto na hora de ler, quanto na de escrever ou falar.

Essa era uma tendência que já se apresentava nos Parâmetros Curriculares Nacionais<sup>1</sup> e que se manteve no último documento oficial e normativo publicado: a BNCC.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup>Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram diretrizes elaboradas pelo governo federal publicados nos anos de 1997 e 1998, sem caráter normativo.

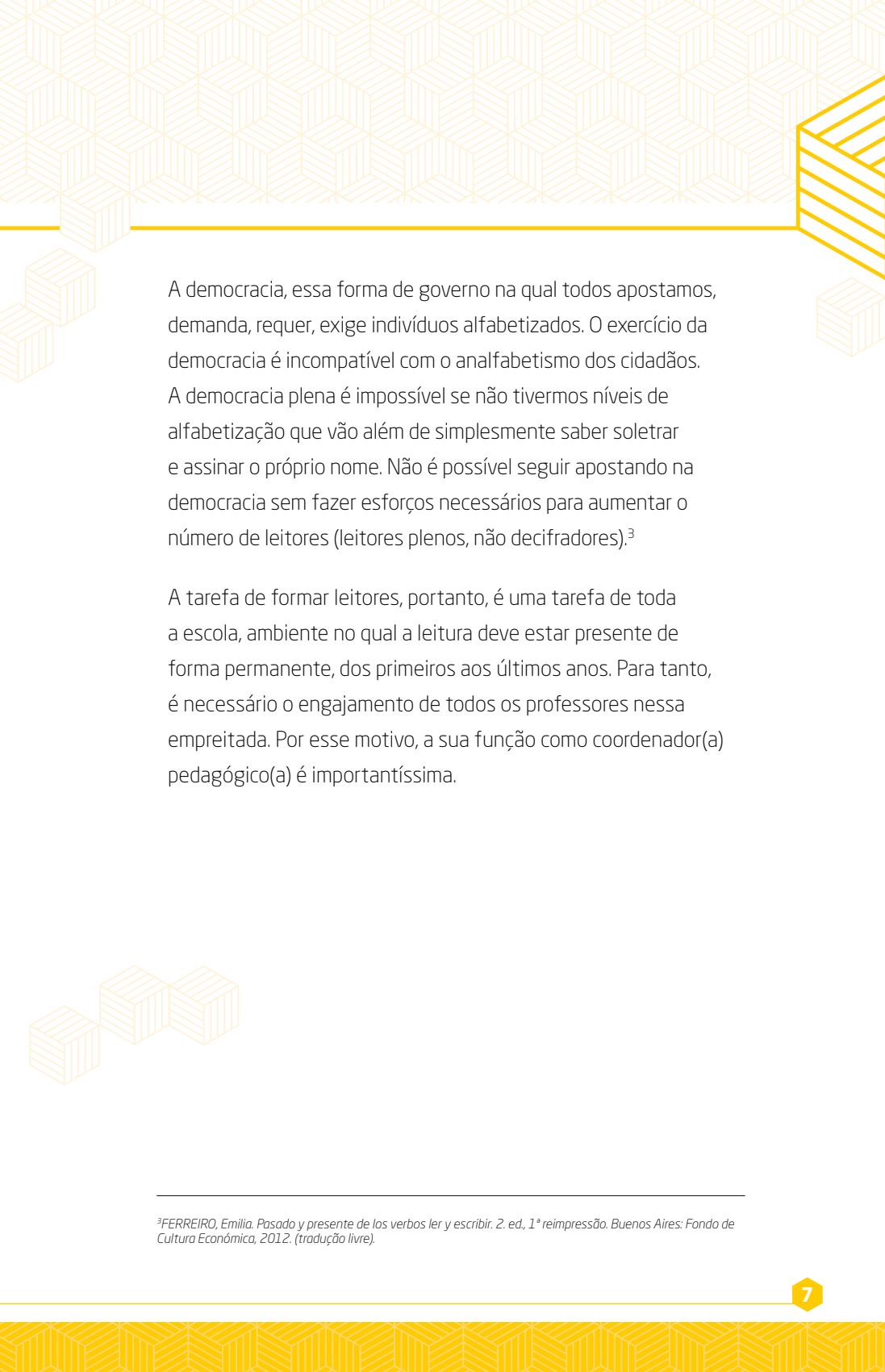
<sup>2</sup>BNCC – Base Nacional Comum Curricular é um documento normativo, que teve sua última versão aprovada e publicada em dezembro de 2018, e que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todo estudante brasileiro deve desenvolver ao longo de toda a sua escolaridade. A BNCC não se constitui como um currículo, mas como um documento orientador para que redes públicas e escolas particulares possam definir seus currículos.



Isso quer dizer que, se a escola pretende ser o lócus fundamental da formação de leitores, há que se garantir que os estudantes tenham contato com diversos gêneros textuais e que compreendam suas diferentes formas de organização e seus usos. Evidentemente que essa aproximação precisa estar garantida no currículo pensado para a área de Língua Portuguesa.

Contudo, o papel de formar leitores não se restringe apenas ao professor ou professora de Língua Portuguesa, mas estende-se a todos os outros.

Afirmar que a leitura possui centralidade na escola significa garantir que a formação de leitores seja vista como compromisso de todas as áreas. Para tanto, precisamos pensar em ações que promovam a circulação da leitura com mais força dentro do estabelecimento de ensino e que seu lugar seja visto e defendido por todos como central. Muito tem se falado sobre a importância da leitura para o entendimento de nossa condição humana, para a valorização de diferentes pontos de vista, para a ampliação de nossos conhecimentos e para a construção de uma visão mais crítica sobre o mundo. Dessa forma, a leitura se coloca como fundamental não só na formação do estudante, mas do cidadão que faz parte de uma sociedade democrática, na qual o domínio da leitura e da escrita, tal como já afirmou Emília Ferreiro, é crucial.



A democracia, essa forma de governo na qual todos apostamos, demanda, requer, exige indivíduos alfabetizados. O exercício da democracia é incompatível com o analfabetismo dos cidadãos. A democracia plena é impossível se não tivermos níveis de alfabetização que vão além de simplesmente saber soletrar e assinar o próprio nome. Não é possível seguir apostando na democracia sem fazer esforços necessários para aumentar o número de leitores (leitores plenos, não decifradores).<sup>3</sup>

A tarefa de formar leitores, portanto, é uma tarefa de toda a escola, ambiente no qual a leitura deve estar presente de forma permanente, dos primeiros aos últimos anos. Para tanto, é necessário o engajamento de todos os professores nessa empreitada. Por esse motivo, a sua função como coordenador(a) pedagógico(a) é importantíssima.

---

<sup>3</sup>FERREIRO, Emilia. *Pasado y presente de los verbos ler y escribir*. 2. ed., 1ª reimpressão. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012. (tradução livre).

## O coordenador pedagógico como formador

Entres as funções que lhe competem na escola, a formação de professores é papel fundamental.

Nos anos finais do Ensino Fundamental, esse profissional assume a tarefa de “organizar situações para discutir os processos de ensino e de aprendizagem, as didáticas de cada disciplina, a interdisciplinaridade e a avaliação dos alunos.

O CP leva a equipe docente a refletir e chegar a acordos sobre esses pontos. Em todos os anos, o coordenador tira dúvidas das famílias e media sua relação com a escola; faz contato com a comunidade; organiza eventos significativos para o calendário e auxilia o diretor nos diferentes aspectos de gestão” (Maria Paula Zurawski, em artigo para o site da revista Gestão Escolar)<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup>ZURAWSKI, Paula. O coordenador pedagógico como formador. Revista Gestão Escolar, disponível em: <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/150/o-coordenador-pedagogico-como-formador>>, acesso em: 4 fev. 2019.



Se você atua ou já atuou nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, certamente notou que a articulação da leitura com as diferentes disciplinas costuma acontecer de forma mais fluida. Isso se deve, sobretudo, ao fato de a professora ou de o professor ser polivalente.

O mesmo professor ensina Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia... Na medida em que entram os professores especialistas, apesar dos ganhos evidentes, o olhar costuma ficar mais recortado, emoldurado pelas questões e objetivos de cada disciplina.

Claro que a escola conta com espaços para que a integração aconteça, como as reuniões pedagógicas e os conselhos de classe; no entanto, as questões que ficam são (1) como potencializar esses espaços? (2) quais propostas podem garantir maior articulação por meio da leitura?

Esse é o objetivo deste material, responder a essas duas indagações com reflexões práticas e propostas criativas.

Porém, antes de mais nada, é preciso frisar que, para que a leitura ganhe vulto na escola, é preciso organizar **tempo, espaços, materiais**, garantindo **qualidade e diversidade** de propostas, além de **envolver diferentes atores**.





# A formação de leitores na escola: especificidades dos Anos Finais do Ensino Fundamental

## A presença dos livros

Observe em seu entorno: há cantos ou estantes de livros nas salas?

Um cenário cada vez mais comum nas salas de aula na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental envolve a presença de livros em estantes e cantos de leitura compostos por livros preferidos da turma e títulos que estão sendo trabalhados em classe, possibilitando que as crianças tenham acesso mais frequente aos livros, bem como encontrem um espaço que valoriza a leitura. Na medida em que os anos avançam, observamos que esses espaços vão ficando menos frequentes. Passa a ser raro encontrar estantes ou cantos de leitura nas salas de aula dos Anos Finais do Ensino Fundamental. No entanto, isso não deveria acontecer, pois o trabalho de formação de leitores não se esgota (aliás, mesmo depois de deixarmos os bancos da escola, seguimos nos formando leitores ao longo de toda a vida). Se queremos que os jovens leitores avancem em suas habilidades de leitura, é certo



que os livros precisam ter presença maciça nos diversos ambientes escolares ao longo de todos os anos: na biblioteca, na sala de aula, pelos corredores, em instalações de leitura pelo pátio da escola...

Evidentemente, assim como acontece com as outras faixas etárias, a simples presença dos livros é um começo importante, mas não basta para que os jovens leiam mais. É preciso também pensar em algumas propostas que incentivem as trocas, as descobertas de novos títulos, a busca de outros parceiros de leituras.

### **A escolha do acervo**

Observe em seu ambiente: como é composto o acervo de livros para o EF – Anos Finais?

Ao formar um acervo precisamos atentar para alguns aspectos, tais como a diversidade de gêneros, leitores, preferências, propósitos e os diferentes níveis de leitura, mesmo entre alunos da mesma idade. Quando pensamos na formação de leitores, devemos considerar que o caminho de cada um é singular, com diferentes necessidades e relações diversas com a leitura. Logo, a oferta de livros, se consideramos que um dos maiores prazeres de ser leitor é poder buscar e encontrar aquilo que se quer ler, precisa dar conta dessa variedade. Então, para compor um acervo rico em propostas literárias, é essencial garantir a presença de:

- Livros de diferentes gêneros: romance, conto, poesia, crônicas, livros informativos, HQs, livros ilustrados, novelas;

- 
- 
- 
- Autores nacionais e estrangeiros;
  - Livros que trazem conteúdos e temáticas que dialogam com a experiência dos jovens;
  - Valorização da diversidade de temas;
  - Livros clássicos e contemporâneos. Livros *best sellers* entre os jovens;
  - Livros que dialogam com os títulos mais procurados (os *best-sellers*), mas com uma linguagem mais sofisticada;
  - Livros que atendam aos diferentes níveis de leitura, possibilitando acompanhar a progressão das habilidades dos leitores.

**Está na BNCC:** é preciso garantir o multiculturalismo na composição do acervo, ou seja, garantir presença das obras que tragam a literatura universal, indígena, africana, afro-brasileira e latino-americana.

E, junto com tudo isso, é preciso que os alunos tenham voz na escolha e na composição do acervo.

## Ouvir as vozes dos alunos

“Os jovens não gostam de ler”, “Quando eram crianças gostavam tanto dos livros, mas agora...”, “Os adolescentes só ficam nos celulares, ler que é bom...”

Certamente, você já falou ou ouviu uma frases assim. No entanto, se essas fossem verdades absolutas, não teríamos notícias de projetos de sucesso que envolvem os jovens e a leitura. A experiência com a literatura, quando bem encaminhada, costuma dar muito certo, até porque, se um dos pilares da literatura é a condição humana, quer momento mais propício do que a adolescência para refletir sobre essa questão? Algo que é unânime em todas as experiências felizes envolvendo a leitura e os jovens é a importância de uma mediação de qualidade. Para essa interação, é recomendado que o mediador seja um leitor mais experiente e atinado com a realidade e os desejos dos jovens. No dia 6 de janeiro de 2019, o poeta Sérgio Vaz escreveu no jornal Folha de S.Paulo um artigo<sup>5</sup> sobre a leitura e a nossa sociedade, no qual relatou sua experiência com jovens estudantes:

*Já há alguns anos, percorro escolas públicas com o projeto Poesia contra Violência, de incentivo à leitura e à criação poética, sempre em parceria com educadores que se dedicam a mostrar quão maravilhoso é o mundo das palavras. E eles, os jovens, com seus olhos virgens de livros que nunca chegaram, abraçam cada rima, cada estrofe, como se fosse o primeiro beijo. Como os dias que não doem.*

<sup>5</sup>VAZ, Sérgio. Prateleiras gritam por livros que nascem das ruas, diz Sérgio Vaz. 6 jan. 2019. Folha de S.Paulo. Ilustríssima. Disponível em: <[www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/01/prateleiras-gritam-por-livros-que-nascem-das-ruas-diz-sergio-vaz.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/01/prateleiras-gritam-por-livros-que-nascem-das-ruas-diz-sergio-vaz.shtml)> Acesso em: 4. fev. 2019



*Outro dia — se me permitem alongar um pouco mais, é que a chance de falar é tão pouca que tenho de aproveitar —, estava em uma sala de aula trocando uma ideia com uma turma, num desses encontros, e lá do fundo um menino me saiu com essa:*

*— Poeta, me dá um bom motivo pra ler.*

*— Quem lê xaveca melhor.*

*— Vou começar a ler amanhã.*

*E foi aquela bagunça geral. E a menina rapidamente perguntou:*

*— E nós, as meninas?*

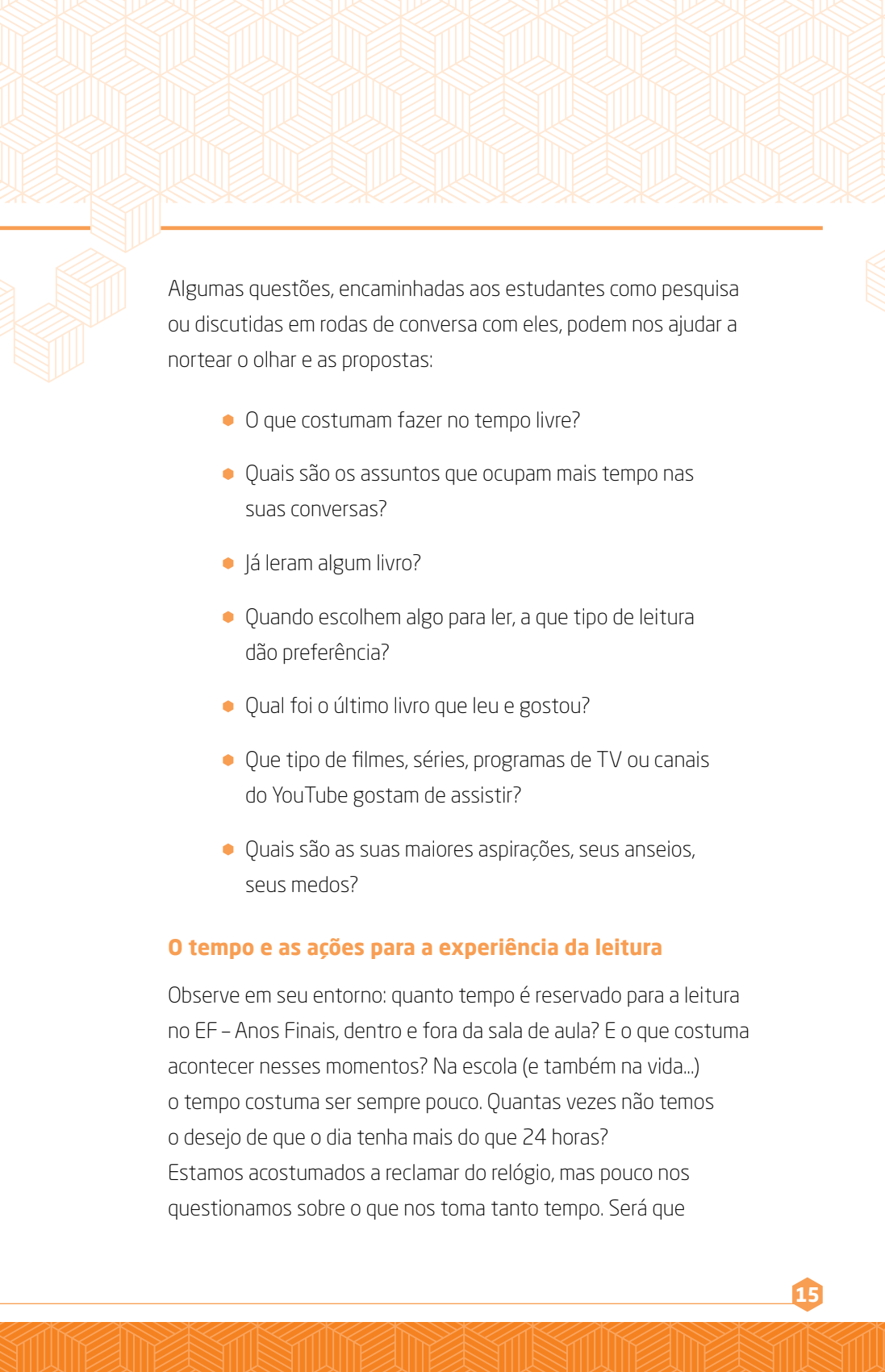
*— As meninas que leem não aceitam qualquer xaveco.*

*E rimos com tanta força que parecia que o riso estava represado. Lembrei uma passagem do “Livro dos Abraços”, do Eduardo Galeano: “... Pai, me ajuda a olhar”.*

*Bom, aí já estávamos rindo como se fôssemos Alice no País das Maravilhas.*

*Então, fiquei pensando: “Como assim o povo não gosta de ler?”.*

Como podemos observar, Sérgio Vaz respondeu diretamente aos estudantes, colocando-se muito próximo de seu contexto de vida, e isso colaborou imensamente para que esses jovens se sentissem mais interessados, mais enredados por esse mediador que falava sobre a importância da leitura. É uma situação que nos leva a pensar também que há sempre um jeito de chegarmos no jovem leitor, e esse jeito faz toda a diferença. E como a gente pode descobrir qual é o melhor jeito? Que tal começarmos perguntando para os próprios estudantes? Será que a escola está acostumada a observar e a ouvir seus alunos? Será que essa observação e essa escuta contam na hora de pensar o currículo e as leituras que serão oferecidas?



Algumas questões, encaminhadas aos estudantes como pesquisa ou discutidas em rodas de conversa com eles, podem nos ajudar a nortear o olhar e as propostas:

- O que costumam fazer no tempo livre?
- Quais são os assuntos que ocupam mais tempo nas suas conversas?
- Já leram algum livro?
- Quando escolhem algo para ler, a que tipo de leitura dão preferência?
- Qual foi o último livro que leu e gostou?
- Que tipo de filmes, séries, programas de TV ou canais do YouTube gostam de assistir?
- Quais são as suas maiores aspirações, seus anseios, seus medos?

### **O tempo e as ações para a experiência da leitura**

Observe em seu entorno: quanto tempo é reservado para a leitura no EF – Anos Finais, dentro e fora da sala de aula? E o que costuma acontecer nesses momentos? Na escola (e também na vida...) o tempo costuma ser sempre pouco. Quantas vezes não temos o desejo de que o dia tenha mais do que 24 horas? Estamos acostumados a reclamar do relógio, mas pouco nos questionamos sobre o que nos toma tanto tempo. Será que



ocupamos nosso tempo com as coisas mais importantes? O que fazemos na vida é realmente significativo? Essa é uma questão que tem estado em jogo desde o século passado, quando tudo parecia se tornar mais fugaz, mais rápido, mais descartável. O jornal diário, o rádio, depois a televisão e, agora, com muito mais força, a internet, nos dão a sensação de que estamos sempre perdendo algo, que há sempre muitas informações de que precisamos, novidades, notícias... Procurando problematizar esse contexto atual, o filósofo italiano Giorgio Agamben<sup>6</sup> escreveu: "O homem moderno volta para casa à noite extenuado por uma mixórdia de eventos – divertidos ou maçantes, banais ou insólitos, agradáveis ou atroz –, entretanto nenhum deles se tornou experiência"<sup>7</sup>. O que de fato nos toca é a experiência, tal como conceituou o filósofo catalão Jorge Larrosa:

*A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara.*

E na escola? Como ocupamos o tempo de nossos alunos – e o nosso também? Dividimos a rotina de modo a deixar tempo suficiente para que a leitura seja vivida como uma experiência?

---

<sup>6</sup>AGAMBEN, G. *Infância e História: destruição da experiência e origem da História*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

<sup>7</sup>LARROSA BONDÍA, J. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, jan./abr., 2002. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf)>. Acesso em: 16 jan. 2019.



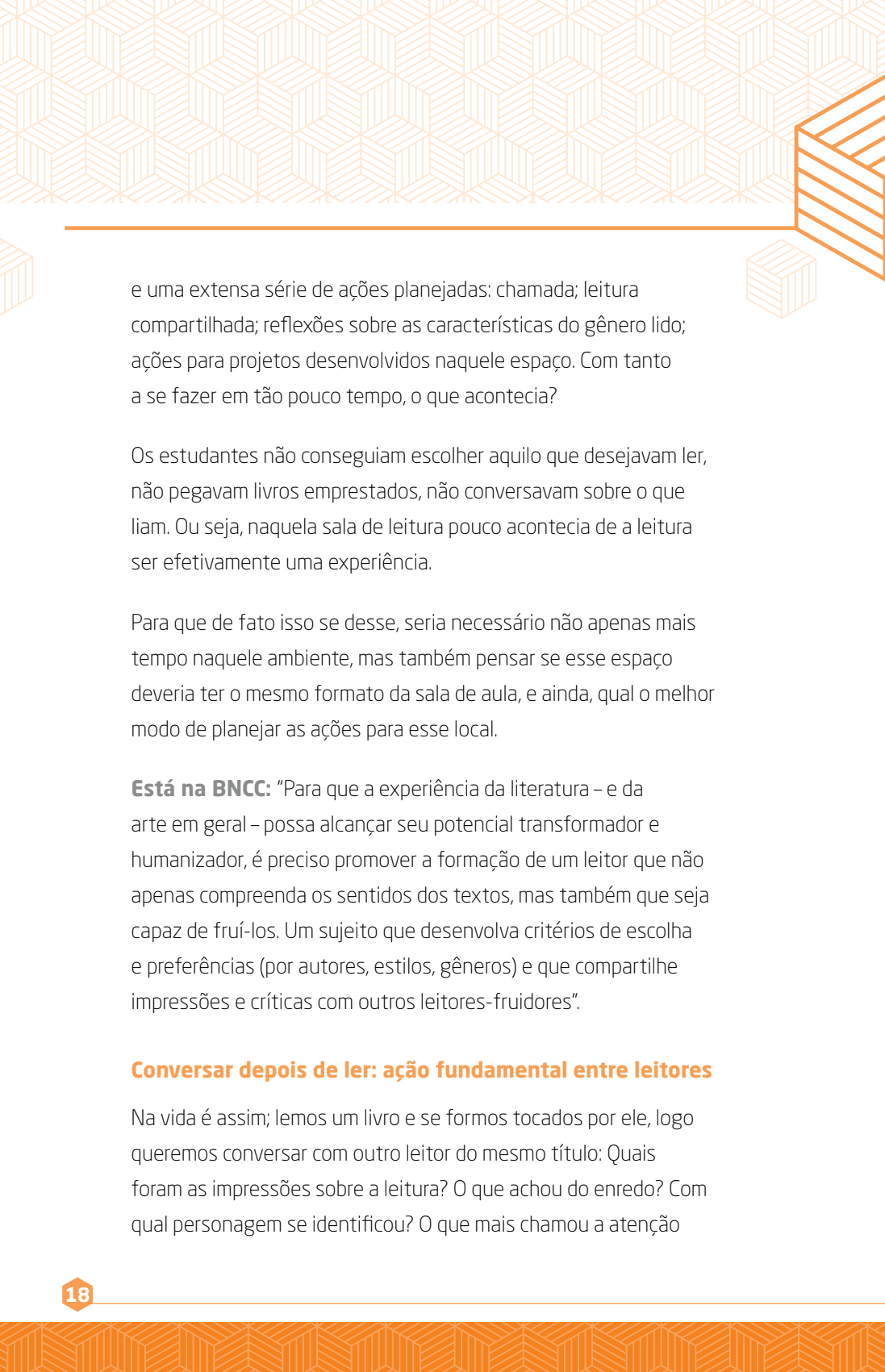
E como usamos esse tempo?

Em primeiro lugar, precisamos pensar **quais são as ações que tornam a leitura uma experiência real**. Podemos elencar alguns aspectos: **leituras em diferentes contextos** (solitária e silenciosa, leitura compartilhada, leitura pelo professor, professora ou outras pessoas, leituras em saraus); a possibilidade da escolha daquilo que se quer ler; a troca entre leitores (conversas apreciativas, rodas de indicações literárias ou outros espaços para que essas interações aconteçam); acesso a diferentes formas de aproximação dos livros (leitura de resenhas, da biografia do autor, de entrevistas com o autor, comparações entre diferentes textos, autores e linguagens – literária ou cinematográfica, no caso de obras roteirizadas para o cinema etc.).

Tudo isso vai enriquecendo a leitura e tornando-a cada vez mais significativa. E quanto mais significativa e reflexiva, e quanto mais espaços pudermos oferecer às opiniões e trocas entre os leitores, maior a chance de a literatura ser vivida de forma a modificar um leitor, ou seja, de se tornar uma experiência real.

Evidentemente, tudo isso necessita de tempo e de planejamento. Certa vez, a partir de uma observação de alunos do Ensino Fundamental 2 em uma sala de leitura, foi possível constatar que aquele espaço, cujo acervo era bastante extenso, na realidade, possibilitava pouquíssimo acesso dos estudantes aos livros.

Isso devido à forma como a frequência à sala estava organizada: aulas semanais de 50 minutos, com turma de cerca de 33 alunos



e uma extensa série de ações planejadas: chamada; leitura compartilhada; reflexões sobre as características do gênero lido; ações para projetos desenvolvidos naquele espaço. Com tanto a se fazer em tão pouco tempo, o que acontecia?

Os estudantes não conseguiam escolher aquilo que desejavam ler, não pegavam livros emprestados, não conversavam sobre o que liam. Ou seja, naquela sala de leitura pouco acontecia de a leitura ser efetivamente uma experiência.

Para que de fato isso se desse, seria necessário não apenas mais tempo naquele ambiente, mas também pensar se esse espaço deveria ter o mesmo formato da sala de aula, e ainda, qual o melhor modo de planejar as ações para esse local.

**Está na BNCC:** “Para que a experiência da literatura – e da arte em geral – possa alcançar seu potencial transformador e humanizador, é preciso promover a formação de um leitor que não apenas compreenda os sentidos dos textos, mas também que seja capaz de fruí-los. Um sujeito que desenvolva critérios de escolha e preferências (por autores, estilos, gêneros) e que compartilhe impressões e críticas com outros leitores-fruidores”.

### **Conversar depois de ler: ação fundamental entre leitores**

Na vida é assim; lemos um livro e se formos tocados por ele, logo queremos conversar com outro leitor do mesmo título: Quais foram as impressões sobre a leitura? O que achou do enredo? Com qual personagem se identificou? O que mais chamou a atenção



na forma como o texto foi escrito? O estilo do autor lembrou outro escritor? Deu vontade de ler outros livros do mesmo autor ou autora? A obra conversa com outras da mesma época, com o mesmo tema? Uma infinidade de caminhos para uma boa conversa. Saber conversar sobre uma leitura é um comportamento leitor, ou seja, uma ação que os leitores fazem quando leem e que os ajuda a compreender o que leram, a ampliar a construção de sentidos, aprofundando olhares, cotejando opiniões e estabelecendo novas relações para aquela leitura. Não é pouca coisa! De acordo com o escritor Aidan Chambers, que também é professor e especialista em formação de leitores, a conversa depois da leitura é tão importante quanto o ato de ler. Conversar faz parte do processo de fruição da leitura.

No entanto, pensar a conversa como conteúdo didático ainda é algo novo para a escola. Como ajudar o professor a planejar uma conversa? De onde se pode partir? O que é importante garantir nesse momento?

Em primeiro lugar, é importante considerar que esse é um momento de acolhimento da diversidade de opiniões e da troca de ideias. Chegar a uma única interpretação ou ponto de vista não deve ser o objetivo do bate-papo. Além disso, o docente precisa ter em seu roteiro de aula algumas perguntas pré-estabelecidas, que possam funcionar como ótimos disparadores:

- O que mais chamou a atenção no enredo? Houve alguma coisa que surpreendeu? Por quê?



- Se já leram outras obras do mesmo autor, conseguem identificar um estilo? Qual?
- Lembraram-se de outro(s) livro(s) quando leram? Qual ou quais? Por quê?
- Gostariam de reler algum trecho em especial?
- O que destacariam na construção dos personagens?
- Indicariam esse livro para outras pessoas? Por quê?



### **Ações para a escola: o que significa ser uma comunidade de leitores?**

Afirmar que a escola precisa ser uma comunidade de leitores significa garantir práticas sociais de leitura em seu cotidiano. Como vivemos imersos em uma sociedade letrada, não passamos um dia na vida sem que estejamos em contato com algum tipo de texto escrito, sem que precisemos compreendê-lo em seu contexto: Para que serve? O que nos conta? E mais além: Que opinião podemos ter sobre ele? Quais relações podemos fazer entre ele e tudo aquilo que já sabemos?

Aquele que sabe escolher o que vai ler a partir de suas necessidades e preferências, que compreende o que leu, que é capaz de emitir uma opinião e de conversar sobre o texto lido, além de estabelecer relações com outras produções ou com sua vida, pode ser considerado um leitor pleno. No entanto, para que seja possível ao aluno atingir um nível avançado é preciso garantir que ele vivencie muitas situações de leitura, tanto na vida e na



escola, quanto dentro e fora da sala de aula. Delia Lerner<sup>8</sup> afirmava que, para ter sucesso ao formar leitores e escritores (pessoas que escrevem com propriedade), é necessário que a escola funcione como uma microssociedade de leitores e escritores.

**Está na BNCC:** entre as habilidades previstas para o Ensino Fundamental – Anos Finais, estão: “Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/ manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, slams, canais de *booktubers*, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, blogs e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, vlogs e podcasts culturais (literatura, cinema, teatro, música), *playlists* comentadas, fanfics, fanzines, e-zines, fanvídeos, fanclipes, posts em *fanpages*, trailer honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs”.

Vamos conhecer algumas ações que transformem a escola em um lugar onde a leitura possa circular como se apresenta no mundo e, também, refletir sobre o seu papel como coordenador pedagógico para a efetivação dessas propostas?

---

<sup>8</sup>LERNER, D. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: ArtMed, 2012.



## I. Leituras todos os dias

Em primeiro lugar, é importante garantir que, em todas as disciplinas, algum tipo de leitura aconteça com frequência. Podem ser textos literários que se relacionem com o conteúdo estudado, que despertem algum tipo de reflexão, que apresentem diálogos entre diferentes visões de um mesmo conteúdo, por exemplo. Ou, simplesmente, pode ser uma leitura que se configure como acolhimento no início da aula, sendo utilizada para que o professor se aproxime dos estudantes de outro jeito. Por que não? Lemos e falamos sobre o papel que a leitura tem na aproximação das pessoas, por que não levar a cabo essa ideia em nosso cotidiano escolar?

Essa é uma proposta simples e que leva o hábito de ler para além das aulas de Língua Portuguesa. Aliás, observamos que nem sempre o momento reservado para a fruição da leitura está presente nas aulas desse componente curricular.

### **O papel do coordenador para a realização dessa proposta**

Há que se considerar que os professores construíram diferentes aproximações com a leitura ao longo da vida. Alguns têm mais intimidade, outros menos... Desse modo, não basta lançar a ideia, mas é preciso ofertar experiências de leitura, munir os professores de dicas, ler junto com eles. A reunião pedagógica é um ótimo momento para que isso aconteça e você, coordenador pedagógico, que desempenha um papel central, pode levar diferentes textos para ler no início da reunião, fazer sugestões de leitura adulta para



os professores, propor títulos que possam articular diferentes pontos de vista sobre um mesmo tema, sugerir intercâmbios de leituras entre diferentes turmas etc. Para incentivar a presença da leitura na escola, você, como coordenador pedagógico, poderá:

- Organizar um mural de indicação literária na sala dos professores, com dicas de livros, resenhas publicadas em jornais, revistas ou sites;
- Incentivar a participação dos professores nesse mural;
- Realizar leitura inicial em todas as reuniões pedagógicas;
- Sugerir leituras específicas para os professores, considerando sua área de atuação e interesses;
- Organizar um canto de livros na sala dos professores, contemplando a diversidade textual: contos, crônicas, romances, poesias, livros informativos, revistas especializadas em Educação, livros infantojuvenis, catálogos de editoras etc.;
- Se a sua escola tiver biblioteca ou sala de leitura, convidar a pessoa responsável por esse espaço para participar de uma reunião pedagógica. Sua presença poderá incentivar os professores a buscar com mais frequência esse espaço, a trocar dicas com a pessoa responsável, ampliar suas leituras ou referências literárias, por exemplo;

- Organizar um grupo de poesias por aplicativos (por exemplo, um WhatsApp poético), como meio de circulação e ampliação do repertório poético. Os minicontos também podem fazer parte dessa proposta;
- Organizar um cronograma de leitura diária para cada turma e envolver os professores de todas as áreas – por exemplo:

### PROFESSOR RESPONSÁVEL PELA LEITURA DA TURMA

| Segunda-feira        | Terça-feira                 | Quarta-feira         | Quinta-feira          | Sexta-feira          |
|----------------------|-----------------------------|----------------------|-----------------------|----------------------|
| Lúcia<br>(Português) | Miguel<br>(Educação Física) | Márcia<br>(História) | Laura<br>(Matemática) | Jorge<br>(Geografia) |

## II. Sequências de leituras com parcerias entre professores

Esta é uma modalidade que pode ajudar os docentes a se organizarem em torno de uma abordagem interdisciplinar, já que muitas leituras podem ser guiadas por professores de diferentes disciplinas. Por exemplo, por que não unir Língua Portuguesa e Biologia em torno da biografia de Charles Darwin? Ou História e Língua Portuguesa na leitura de um romance cujo pano de fundo seja um importante evento histórico? Quais seriam as contribuições de cada professor? Sob quais vieses cada um poderia propor uma aproximação da mesma obra?



Para o planejamento das sequências, é importante considerar o percurso leitor dos alunos e a bagagem que puderam formar até então, mas também arriscar leituras mais desafiadoras, já que o professor estará mediando.

### **O papel do coordenador para a realização dessa proposta**

- Conhecer obras que possam oferecer interlocução entre diferentes áreas;
- Sugerir a leitura para os professores;
- Garantir espaços de planejamento conjunto para os professores envolvidos;
- Garantir a presença dos dois professores em atividades sobre leitura e apreciação dos livros.

Ao final desta publicação, encontram-se sugestões para sequências de leitura compartilhada.

### **III. Parada literária**

E se toda a escola puder parar uma hora a cada quinze dias para simplesmente ler um livro? Essa é uma proposta que envolve funcionários, professores e estudantes em torno de algo muito simples e potente: ler por prazer! Reservar um momento para si, para ler silenciosamente, e se encantar com as palavras, refletir sobre a vida, se divertir, se atualizar. Sem que se precise fazer nenhuma atividade depois. Apenas o tempo para ler e valorizar



a experiência de leitura, envolvendo todos na escola, lendo seus autores de preferência, sem juízo de valor em relação às escolhas. Sem que se precise fazer nenhuma atividade depois. Apenas o tempo para ler e valorizar a experiência de leitura, envolvendo todos na escola, lendo seus autores de preferência, sem juízo de valor em relação às escolhas.

### **O papel do coordenador para a realização dessa proposta**

- Mobilizar funcionários, estudantes e professores em torno da proposta;
- Envolver as famílias dos estudantes, enviando uma circular sobre a importância da leitura e dos tempos dedicados a ela durante o período escolar;
- Organizar um calendário para as paradas literárias. Enviar lembretes antes de cada parada a fim de que todos se organizem trazendo livros, revistas ou textos para esse momento;
- Documentar a ação por meio de fotos e depoimentos dos leitores.

### **IV. Sessões simultâneas de leitura**

Essa proposta consiste em mobilizar alunos e professores em torno de salas de leitura onde os textos serão lidos em voz alta pelos docentes. Estes deverão selecionar uma produção que gostariam



de compartilhar com os estudantes, trazendo à tona as razões de terem se decidido por aquele texto.

Os envolvidos nessa dinâmica devem produzir cartazes para que os alunos façam a sua inscrição na sala de seu interesse. Por isso, as peças devem conter o título do texto, a data da atividade (é necessário reservar um período exclusivo), o horário de início da leitura e espaços para que se escrevam os nomes dos inscritos. Depois, elas devem ser expostas em locais de fácil acesso aos alunos durante um certo tempo.

Após a leitura, os alunos voltam às suas salas de aula para conversar sobre a experiência que vivenciaram, descrevendo as sensações causadas a partir da escuta do texto, as associações que puderam estabelecer etc. O ideal é que a sessão se repita ao menos mais uma vez com os mesmos textos.

Um possível (e interessante) desdobramento da sessão simultânea de leitura é que ela seja feita pelos próprios alunos para as turmas mais novas.

**Está na BNCC:** é importante favorecer a escuta ativa dos estudantes, planejando situações em que textos escritos possam ser oralizados, por meio da leitura em voz de alta de um texto, por um leitor mais experiente<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup>As relações com direcionamentos e diretrizes da BNCC têm como base documento elaborado pela Fundação Lemman e Nova Escola e o próprio documento original, publicado pelo MEC em dezembro de 2018.



---

## **O papel do coordenador para a realização dessa proposta**



- Apresentar a proposta aos professores em uma reunião pedagógica;
- Garantir espaço em reunião para a escolha e apresentação dos textos selecionados, com possibilidade de justificar a escolha, opinar sobre a escolha do colega etc;
- Organizar ou encaminhar a organização dos cartazes;
- Determinar datas na agenda para que a sessão aconteça;
- Garantir espaço para troca entre professores sobre a experiência, repensando o que não deu certo, avaliando o que foi positivo, as principais aprendizagens e futuros encaminhamentos.



## V. Clubes de leitura

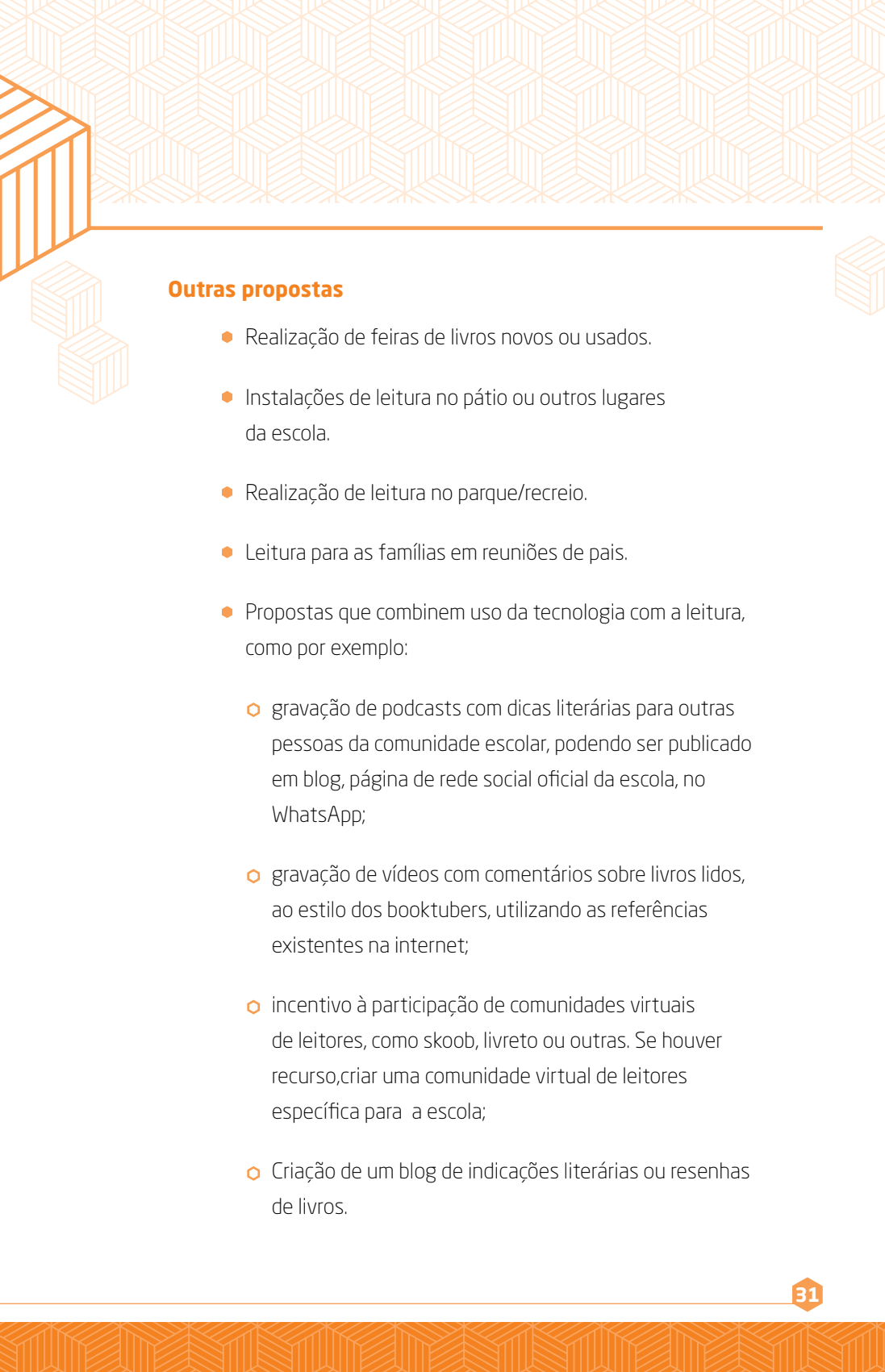
No clube, os participantes escolhem um título para ler, leem fora da escola e se encontram em um período diferente do período de aulas para comentar sobre a leitura. A participação no clube não deve ser obrigatória e deve ser aberta a todos os alunos, professores e funcionários. O ideal é que a escola ofereça um espaço para que os encontros aconteçam (mas se não tiver, que isso não seja impeditivo). O mais importante é que o clube se torne uma realidade e, se precisar, pode ser na sala de aula mesmo). Outro fator importante é garantir a presença de um mediador, que poderá ser o bibliotecário, o professor da sala de leitura ou outro professor que seja um leitor experiente e que tenha vontade de se reunir com os jovens em torno da leitura de um livro.

Em geral, o clube de leitura tem um nome, período determinado para acontecer (por exemplo, toda primeira segunda-feira do mês) e membros fixos. A escolha do livro deve passar por todo o grupo e pode se estabelecer em torno de: gêneros, autores, temas ou, simplesmente, gosto e vontade do grupo. Nessa proposta, a troca entre leitores é parte essencial e, para esse momento, um roteiro de perguntas pode ajudar bastante. Além disso, para incrementar a conversa, trechos da biografia do autor(a), destacando aspectos curiosos ou que possam ampliar os sentidos atribuídos à leitura, tais como resenhas, críticas do livro, entrevistas com o autor, acesso a canais de booktubers etc. Tudo isso preparado pelo mediador de leitura, que poderá contar com seu apoio.



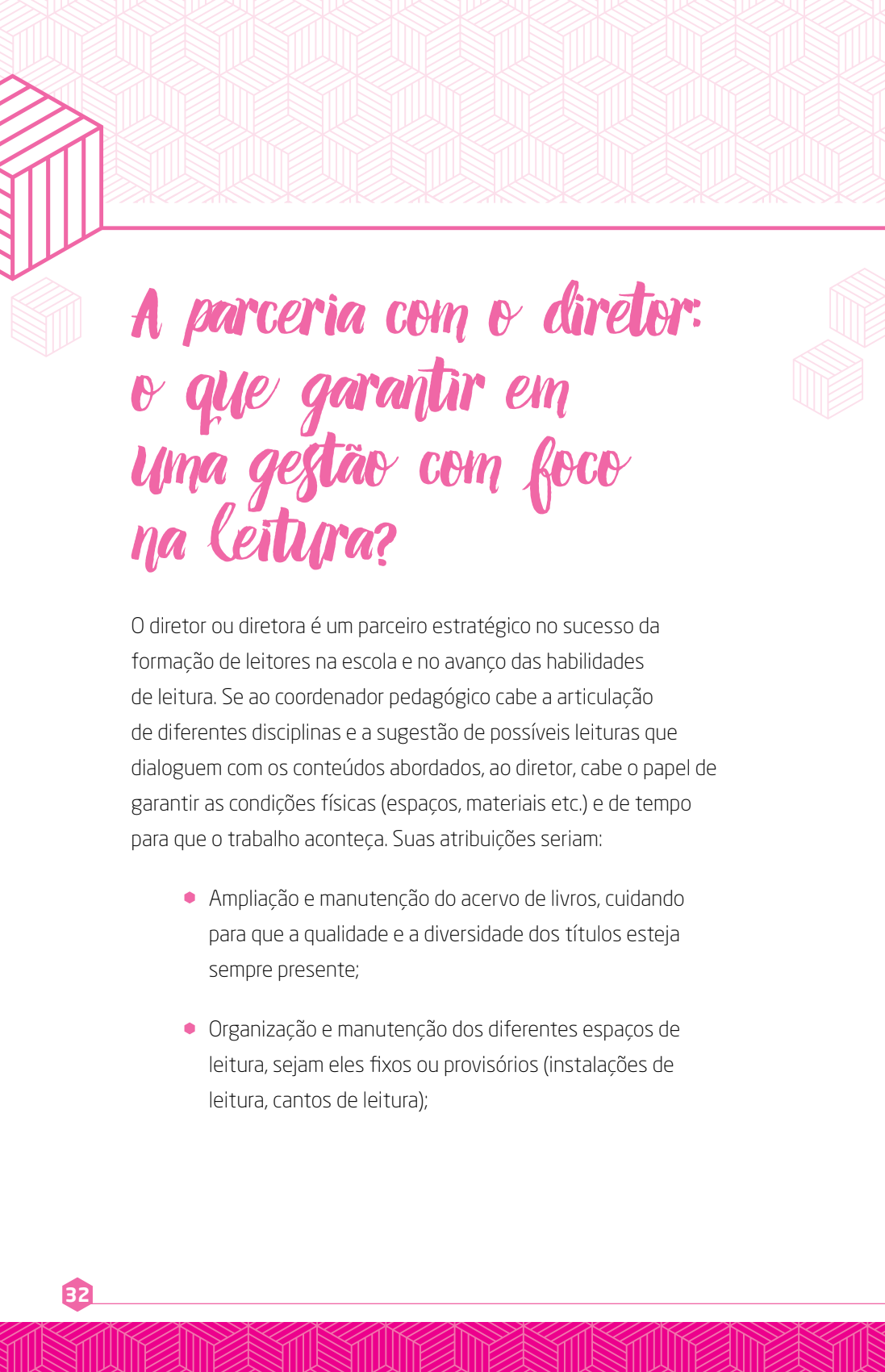
## **O papel do coordenador para a realização dessa proposta**

- Apresentar a proposta a um professor, bibliotecário ou responsável pelo espaço de leitura.
- Ajudar na confecção de convites e pensar, em conjunto com o responsável, no lugar, hora e periodicidade dos encontros.
- Apoiar o mediador na escolha das informações e fontes para a ampliação dos conhecimentos e referências sobre o título e seu autor(a).
- Envolver o diretor na proposta para que possam juntos pensar nos materiais necessários (acervo, espaço, pessoal envolvido).
- Registrar os encontros do clube e compartilhar com toda a comunidade escolar.



## Outras propostas

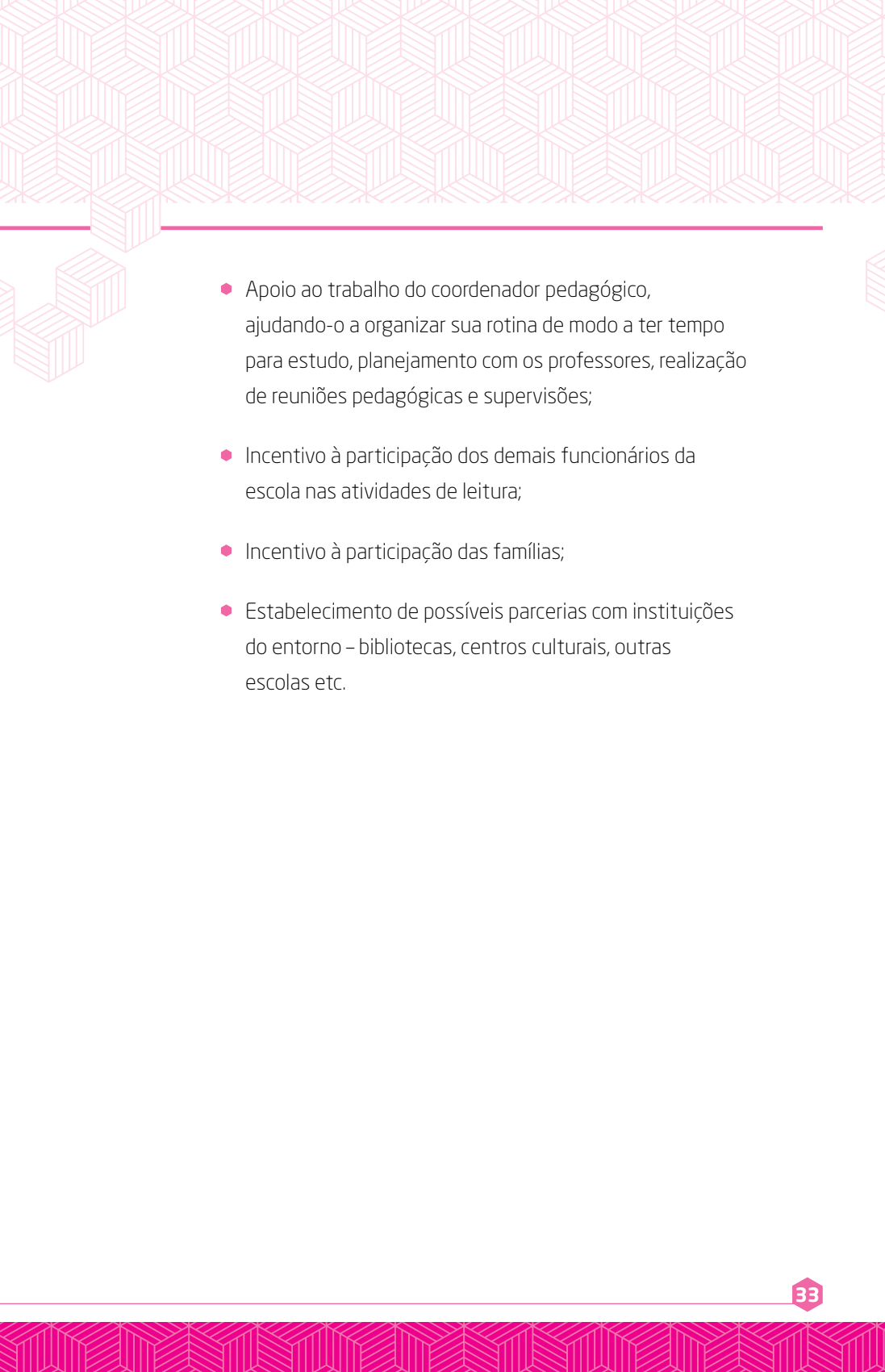
- Realização de feiras de livros novos ou usados.
- Instalações de leitura no pátio ou outros lugares da escola.
- Realização de leitura no parque/recreio.
- Leitura para as famílias em reuniões de pais.
- Propostas que combinem uso da tecnologia com a leitura, como por exemplo:
  - gravação de podcasts com dicas literárias para outras pessoas da comunidade escolar, podendo ser publicado em blog, página de rede social oficial da escola, no WhatsApp;
  - gravação de vídeos com comentários sobre livros lidos, ao estilo dos booktubers, utilizando as referências existentes na internet;
  - incentivo à participação de comunidades virtuais de leitores, como skoob, livreto ou outras. Se houver recurso, criar uma comunidade virtual de leitores específica para a escola;
  - Criação de um blog de indicações literárias ou resenhas de livros.



## *A parceria com o diretor: o que garantir em uma gestão com foco na leitura?*

O diretor ou diretora é um parceiro estratégico no sucesso da formação de leitores na escola e no avanço das habilidades de leitura. Se ao coordenador pedagógico cabe a articulação de diferentes disciplinas e a sugestão de possíveis leituras que dialoguem com os conteúdos abordados, ao diretor, cabe o papel de garantir as condições físicas (espaços, materiais etc.) e de tempo para que o trabalho aconteça. Suas atribuições seriam:

- Ampliação e manutenção do acervo de livros, cuidando para que a qualidade e a diversidade dos títulos esteja sempre presente;
- Organização e manutenção dos diferentes espaços de leitura, sejam eles fixos ou provisórios (instalações de leitura, cantos de leitura);

- 
- Apoio ao trabalho do coordenador pedagógico, ajudando-o a organizar sua rotina de modo a ter tempo para estudo, planejamento com os professores, realização de reuniões pedagógicas e supervisões;
  - Incentivo à participação dos demais funcionários da escola nas atividades de leitura;
  - Incentivo à participação das famílias;
  - Estabelecimento de possíveis parcerias com instituições do entorno – bibliotecas, centros culturais, outras escolas etc.



## Referências bibliográficas

BNCC na prática – tudo o que você precisa saber sobre língua portuguesa. Associação Nova Escola/Fundação Lemann, 2018. Disponível em: <<https://bncc.novaescola.org.br/>> Acesso em: 5 fev. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base nacional comum curricular. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> Acesso em: 5 fev. 2019.

CHAMBERS, A. Dime: los niños, la lectura y la conversación. Trad. Ana Tamarit Amieva. Madrid: Fondo de Cultura Económica de España S. L., 2017.

COLOMER, T. Andar entre livros, a leitura literária na escola. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

FERREIRO, E. Pasado y presente de los verbos ler y escribir. 2. ed., 1ª reimpressão. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012.

LERNER, D. Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: ArtMed, 2012.

ZURAWSKI, Paula. O coordenador pedagógico como formador. Revista Gestão Escolar, disponível em: <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/150/o-coordenador-pedagogico-como-formador>>, acesso em: 4 fev. 2019.

